

TRAVESTIS E TRANSEXUAIS: Da Segregação Social às Dificuldades de Acesso ao Mercado de Trabalho

Marcelo Ozório Gonçalves Junior

Graduando em Publicidade e Propaganda
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Ana Livia Salton de Paula

Cursando MBA em Direção de Arte para Propaganda, TV e Vídeo – Fac. Estácio de Sá;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

O presente artigo visa mostrar e analisar as dificuldades enfrentadas por grande parte das travestis e transexuais Brasileiras que em sua grande maioria vive em estado e situação de miséria. Foi-se feita uma vasta pesquisa para se chegar ao resultado, que não se difere muito da opinião geral do porquê existe uma grande falta de empregabilidade quando se fala neste grupo de pessoas em particular. Com o desenvolvimento deste artigo, concluiu-se que o motivo real, vai além de apenas uma falta de capacitação intelectual e passa a ser por questões preconceituosas e ultrapassadas. Tem-se uma visão muito fechada sobre este público em questão, e dos motivos pelos quais não estão inseridas (os) no mercado de trabalho convencional e sim nos meios em que o público já é segmentado. Como já se é visto com o passar dos anos, este público em sua grande maioria vive de trabalhos informais, tendo a prostituição como uma grande vertente de fonte de renda para este público. Sendo os dois grupos mais marginalizados dentro do meio LGBT, é muito clara e muito presente a todos, como este grupo sofre ainda mais o peso total de uma sociedade etnocêntrica e preconceituosa, fazendo-se que ser uma travesti ou uma(um) pessoa transexual em nosso país é um ato de revolução e de persistência a liberdade, pois tal liberdade que tanto clamam que temos, é uma liberdade condicionada, ao público padrão de uma sociedade e não uma liberdade geral independentemente de suas vivências.

PALAVRAS-CHAVE: empregabilidade; mercado de trabalho; travestis; transexuais.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade em que a diversidade é repreendida e massacrada por julgamentos e ataques ao que é diferente. Está presente diariamente em nossas vidas, que a cada dia mais pessoas do meio LGBT morre em virtude de ser quem são, e de expor suas vivências e seus desejos. “Ordenar os fenômenos observados, valendo-se a lógica *queer* significa confrontar a ideia que haja uma única leitura da realidade e de que exista algo que possa ser considerado normal ou normalidade (DIVERSIDADE SEXUAL E TRABALHO, pg. 127). A ideia de confrontar o sistema etnocêntrico é a cada dia mais relevante e importante, para que tais grupos sociais vejam que o mundo é muito maior do que suas perspectivas e de suas experiências vividas ao longo de suas vidas. Porém, da mesma forma que toda

a questão de confrontar o sistema é de extrema importância e relevância, também coloca este grupo de pessoas em uma grande situação de risco justamente por estas diferenças não serem aceitas.

2 OBJETIVOS

Todo o artigo que aqui será apresentado visa a tentativa de esclarecer os motivos de não se ver este público específico, nos meios de trabalhos convencionais, mas sim em sua maioria em meio de trabalho já determinados e segmentados para este público. Vivendo de trabalhos alternativos que aqui serão falados de forma explícita, foi se percebido que o motivo de tal forma de trabalho vai além de incapacidade intelectual, mas também parte para um lado de não aceitação do diferente e de opiniões já estabelecidas não favoráveis a este público.

3 MATERIAL E MÉTODOS

O material utilizado para no presente trabalho baseou-se em livros, artigos, sites, entre outros e diversos autores como Marieta, Dantas, Ester de Freitas, etc..

4 IDENTIDADE DE GÊNERO

O termo identidade de gênero diz respeito a forma como você se identifica, da forma que você se reconhece, sendo do sexo masculino, feminino ou então não binário. O termo identidade de gênero não tem relação alguma com o membro sexual com o qual nascemos, mas sim com a forma que nos identificamos. Dentre os três, o não binário é o único não reconhecido e conhecido pela sua maioria.

Segundo consta no dicionário, mulher é o ser humano do sexo feminino que representa uma parte da humanidade e homem é relativo aos machos: sexo masculino.

A definição de não binário: “Uma pessoa cuja identidade de gênero não é homem nem mulher, está entre os sexos ou além, ou é uma combinação de gêneros” (OGLOBO 10/2014).

De acordo com um texto escrito por Beatriz H. M. Leite e Natália Lobo, no dia 21 de Abril de 2014, na revista *online* Capitolina: “Assim como quase tudo que

nos caracteriza, nosso gênero é construído pelas experiências que temos na vida, com quem mantemos contato, em que condições vivemos, em que cultura estamos, experiências que passamos, entre diversas outras coisas. Por isso, dizemos que o gênero (ser “mulher”/“homem”) é uma construção social e não uma genitália. Uma parte dessa construção social de gênero é a construção dos papéis de gênero” (grifo do autor).

Com esta visão de que identidade de gênero tem ligação direta com sua genitália, foi feita uma busca para este seguinte artigo com fim de saber a denominação para cada gênero.

Somos educados e apresentados a experiências e coisas que fazem apenas parte do sexo que nos foi atribuído como meninos vestem azuis, brinca de carrinho, jogam bola, enquanto meninas vestem rosa, brincam de boneca e aprendem desde cedo a conduzir as coisas em casa.

Tais características como vestimentas, atitudes é chamada de Expressão de Gênero que de forma rápida e objetiva significa a forma com que você se expõe, se apresenta diante a sociedade. Não fazendo relação com nenhuma outra pauta trazida até o seguinte momento.

5 TRAVESTIS E TRANSEXUAIS

O preconceito e a transfobia vivida por elas além do fato da marginalização, começa por elas não tendo uma base familiar, e nem uma base simples de conhecimento adquiridos nas escolas, pois nestes ambientes, os impactos da sociedade já são sentidos, logo nos primórdios de suas vivências e vidas, “Suas histórias de vida de vida foram narradas, às vezes como um filme policial, na qual elas, as protagonistas estão sempre em fuga: do lar, da cidade de origem, da polícia, do cafetão’... (DIVERSIDADE SEXUAL E TRABALHO, p. 133). Sofrendo rejeição no ambiente familiar, agressão social e física, com um movimento perante o medo e ao desespero, algumas travestis e transexuais, acabam fugindo de suas próprias casa, a triste realidade de uma pessoa onde não se identifica com seu gênero, já começa cedo, sendo obrigadas a deixarem seus estudos por conta de todo o preconceito que os cercam, suas próprias casas local onde deveria servir como um local de refugio de todo o sofrimento vivido se torna na maioria das vezes um local que agrega ainda mais desespero por ser quem você é.

As travestis e as transexuais vivem em um intenso processo de sobrevivência e de luta, vivendo em um país onde esta em 1º lugar no ranking de assassinatos de travestis e transexuais com mais de 600 mortes ao ano “Estima-se que o risco de uma travesti ou transexual ser assassinada, geralmente por arma de fogo é de 259 vezes superior à dos gays e lésbicas” (DIVERSIDADE SEXUAL E TRABALHO, p. 132) correndo um imenso risco diariamente o que as resta é lutar contra um sistema etnocêntrico, e por respeito.

As duas denominações se resumem em uma única terminologia que se denomina transgênero. “Conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento” (GOMES, 2012). Esta denominação significa dizer que tal grupo não se identifica com o seu papel de gênero, seu gênero, questões comportamentais, chamados o efeito “guarda-chuva, pois abrange vários grupos de diferentes terminações”.

A terminologia de travesti é dada como “pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Referir-se a ela sempre no feminino, o artigo “a” é a forma respeitosa de tratamento”(GOMES, 2012 p.16). As travestis em sua maioria fazem reclamações em questões de não serem respeitadas, e tratadas com pronomes femininos.

E a transexual diz “termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento” (GOMES, 2012, p.15).

Uma grande questão que se envolve dentre tais, é que as travestis não desejam e não necessitam de uma cirurgia de redesignação sexual que é um “Procedimento cirúrgico por meio do qual se altera o órgão genital da pessoa para criar uma neovagina ou um neofalo. Preferível ao termo antiquado “mudança de sexo”. É importante, para quem se relaciona ou trata com pessoas transexuais, não enfatizar exageradamente o papel dessa cirurgia em sua vida ou no seu processo transexualizador, do qual ela é apenas uma etapa, que pode não ocorrer” (GOMES, 2012). Conforme a necessidade de fundamentos para a elaboração deste artigo foi visto que nem todas as travestis assim como as travestis afirmam “ter orgulho do sexo masculino, de não terem vontade de ser mulher” (DIVERSIDADE SEXUAL E

TRABALHO, p. 131). Porém, ambas fazem o que é chamado de terapia hormonal, onde elas fazem ingestão de hormônios oposto aos seus, em buscar da “adequação”, ou proximidade ao que se foi desejado “Tudo na vida deve evoluir, é transitório, principalmente seus corpos, os quais estão em permanente estado de construção.” (DIVERSIDADE SEXUAL E TRABALHO, p. 133) desta forma, busca-se proximidade ao estereotipo feminino que se foi imposto para se sentirem confortável com seus corpos e uma forma de adequação ao gênero.

Tem se registrado que a primeira pessoa a se submeter a tal procedimento cirúrgico foi Lili Elbe (Einar Wegener, antes da transição) que foi muito reconhecida por suas pinturas de paisagem foi a primeira pessoa que se tem registrado, que passou por esse procedimento, e sua morte em treze de setembro de mil novecentos e trintas, deu-se por causa de um transplante de útero que foi rejeitado pelo seu corpo, e a levou a óbito. Naquela época, onde “sua orientação sexual tem sido considerada crime, pecado e patologia pelo Estado, catolicismo e ciência” (LOPES, 2002) se aceitar como uma mulher transexual, e passar por tudo em tal época, foi um ato de revolução, um ato de extrema coragem, e mesmo, quase 20 anos após a existência de Lili Elbe, ainda é um ato de extrema bravura e coragem e ainda considerado algo pecaminoso, uma patologia, perante a uma grande, maioria.

A terminologia de travesti pode ter diferentes significados dependendo do país em que se esta. Antigamente, travesti significava “se transvestir”, uma caracterização, e nos dias de hoje, na Europa ainda se tem esse mesmo significado. Quanto às(aos) transexuais, o termo “transexualismo” deixou de ser patológico e agora é chamado de transtorno de identidade de gênero que significa dizer: “caracteriza-se por uma forte identificação com o gênero oposto, por um desconforto persistente com o próprio sexo e por um sentimento de inadequação no papel social deste sexo” (REVISTA BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, 2010), desta forma, entende-se que a questão de ser uma travesti ou um(a) transexual diz respeito somente a forma com que se prefere ser chamada(o) , sendo uma travesti ou uma mulher transexual ou um homem transexual.

Um fato muito peculiar que se foi descoberto para a elaboração de tal, do que dentro do próprio meio LGBT, também existem preconceito, e sendo até algo não tão difícil de encontrar, de disputas de quem mas se adequa ao gênero buscado, de quem tem o marido mais bem sucedido, chegando até a disputas de

poder “as travestis e transexuais se discriminam entre si, não só pela classe social (as bonitas ou que fizeram bom casamento), mas também por idade. (DIVERSIDADE SEXUAL E TRABALHO, p. 134), estas afirmações só deixam claro, que o preconceito esta em todos os lugares habitados pelo meio , estando ele até dentro dele próprio.

6 TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO MERCADO DE TRABALHO

As travestis e as transexuais são sem devida alguma, as duas vertentes do meio LGBT, por sua incompatibilidade em um primeiro momento com o que se vê, e o que se mostra em seus registros. Uma grande maneira de isso se modificar é adquirindo o seu nome social que seria uma identidade com o seu nome escolhido para ser apresentado (a) perante a sociedade.

Juntando-se a esta vertente, está a dificuldade desses dois grupos em conseguir um emprego formal assim como pessoas cisgêneros. O sexo passa a ser uma atividade econômica, contudo ele se inscreve não somente em uma “economia do prazer, mas também em um regime ordenado do saber” (FOCAULT 1988, p.68). Suas capacidades de exercer tal função são rebaixadas a uma simples identidade de gênero, ou sobre o ser “normal”.

Por conta do desemprego sofrido por este grupo, elas (es) estando em uma situação em que elas (es) são obrigados (as) a se prostituírem para terem uma situação digna de um ser humano, de necessidades básica, “90% das pessoas trans recorrem a essa profissão ao menos em algum momento da vida” (CORREIO BRAZILIENSE).

As travestis que são um grupo ainda mais marginalizado, que já são estereotipadas como prostitutas, ou que vivem em situação de rua na maioria das vezes, sofrem ainda mais, por estarem ainda mais vulnerável “Quando busca explicar por que o Brasil e outros países da América Latina registram altos índices de violência contra travestis e transexuais, a ONG Transgender Europe cita, como uma das causas, a vulnerabilidade dessas pessoas ao trabalharem na prostituição” (CORREIO BRAZILIENSE), o ato de sofrerem o que é chamado de transfobia que engloba ambos os grupos que são transgênero (termo que já foi explicado no presente artigo) é a injúria que a sociedade tem com essas classes é o que chamado de transfobia, é a forma especificada de preconceito com tais grupos.

Em uma grande exceção desta triste realidade vivida por estes, algumas mulheres transexuais e travestis tenham a sorte e a oportunidade de serem modelos, por sua extrema beleza que não se difere de modelos cisgêneros e suas característica masculinas ainda chamam atenção.

Toda esta onda que se encontrar modelos trangêneros, acredita-se que se deu e foi introduzida com Lea T, em sua campanha para a marca *Givenchy* que de forma devagar, porém continua, vem ganhando notoriedade, como no ano de 2016, Valentina Sampaio foi capa da *Vogue Paris*, e como Marcela Thome foi grande destaque nas passarelas do São Paulo Fashion Week. Porém, esta realidade ainda é e será muito distante da maioria das transexuais no mundo, que sofrem diariamente com a falta de emprego.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito anteriormente, o Brasil é o país onde mais se mata travestis e transexuais em todo o mundo, desta forma é clara como é de necessidade extrema que algo seja feito para a proteção destas pessoas, pois não estamos falando de um grupo em questão, mas sim de seres humanos que merecem respeito e dignidade assim como qualquer cidadão.

Levando em conta os temas abordados neste seguinte artigo, a situação em que se vive grande parte das travestis e das mulheres transexuais esta longe de ser apenas parte de uma triste realidade passada, tal miséria esta longe de acabar. As dificuldades enfrentadas por elas(es) deveria ser uma preocupação geral e não apenas delas próprias. O perigo em que elas vivem diariamente, recorrendo à prostituição como fonte de renda as expõe de grande maneira.

Conclui-se com o desenvolvimento deste projeto, que o Brasil e vários países ainda não estão socialmente preparados para viver em comunhão com pessoas diferentes de suas perspectivas sociais. Enquanto pessoas foram classificadas de acordo com suas características físicas, suas classes sociais entre outros, viveremos em uma sociedade completamente intolerante.

REFERÊNCIAS

AFIP; Estudo prova que transexualidade não é transtorno psiquiátrico. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/estudo-prova-que-transexualidade-nao-transtorno-psiquiatico-19805459>>. Acesso em 30 de abril de 2017.

BEGOÑA G. U. A fascinante vida de Lili Elbe, a primeira transexual a entrar para a história. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/02/estilo/1451748884_931165.html. Acessado em 14 de abril de 2017.

DANTAS, M.; ESTER DE FREITAS, M. Diversidade Sexual e Trabalho. 1 ed. Editora: Cengage , 2012.

FOUCAUL, M. História da sexualidade I: A vontade de saber. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GÊNERO. Disponível em https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9704/9704_3.PDF Acesso em 14 de abril de 2017.

GOMES DE JESUS, J. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. 2012. Disponível em: https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989 Acesso em 10 de abril de 2017.

LGBTI. Invisibilidade das pessoas transgeneras no brasil. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/a-invisibilidade-das-pessoas-transgeneros-no-brasil/#gs.null> Acessado em: 30 de abril de 2017.

LOBO, N. H. M.; LEITE B. Disponível em <http://www.revistacapitolina.com.br/identidade-de-genero-uma-introducao/> Acesso em: 14 de abril de 2017

LOPES, D. O homem que amava rapazes e outros ensaios. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MACHADO, B. ; Qual a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual?. Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/saude/qual-a-diferenca-entre-identidade-de-genero-e-orientacao-sexual/> Acesso em: 14 de abril de 2017.

MANDY, C.; HUGO, N. Nem homem nem mulher! Ela é não binário feat HUGO NASCK. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=AjADfQlAtKc>>. Acesso em: 14 de abril de 2017

MARIETA. C. Com 600 mortes em seis anos, Brasil é o que mais mata travestis e transexuais. Disponível em [http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/com-600-mortes-em-seis-anos-brasil-e-o-que-mais-mata-travestis-e-.](http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/com-600-mortes-em-seis-anos-brasil-e-o-que-mais-mata-travestis-e-) Acesso em 30 abr. 2017.

O GLOBO. Não-binários publicam selfies nas redes para mostrar o que significa essa identidade de gênero. Disponível em

<<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/nao-binarios-publicam-selfies-nas-redes-para-mostrar-que-significa-essa-identidade-de-genero-14383736>> Acesso em: 14 de abril de 2017.

PINHEIRO, R. L. Entenda Identidade De Gênero E Orientação Sexual. Disponível em: <<http://www.plc122.com.br/orientacao-e-identidade-de-genero/entenda-diferenca-entre-identidade-orientacao/#axzz4d8lCDfQi>> Acesso em: 14 de abril de 2017.

Transtorno de identidade de gênero (TIG) e orientação sexual. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462010000200016> Acesso em: 30 de abril de 2017.